

O Cometa Halley nas páginas do Jornal Feira Hoje: um estudo sobre a divulgação científica do Observatório Astronômico Antares em 1986

Halley's Comet in the pages of *Jornal Feira Hoje*: A Study on the Science Communication of the Antares Astronomical Observatory in 1986

El Cometa Halley en las páginas de *Jornal Feira Hoje*: Un Estudio sobre la Divulgación Científica del Observatorio Astronómico Antares en 1986)

Willivan do Carmo Santos  

Universidade do Estado da Bahia, Salvador/BA - Brasil

Rodrigo Osório Pereira  

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana/BA - Brasil

Resumo

Este artigo objetiva refletir a comunicação científica elaborada pelo Observatório Astronômico Antares (OAA) e com a participação do Jornal Feira Hoje (JFH), em Feira de Santana, Bahia, na passagem do Cometa Halley, em 1986. O texto descreve as estratégias de comunicação que foram adotadas pelo OAA em torno do Projeto Halley, amplamente veiculado no Jornal Feira Hoje. Articulando redes científicas, o OAA associou ciência, turismo e cultura, a partir de compromissos de entes públicos, ações com empresas privadas e atividades educativas. O olhar sobre as fontes possibilitou verificar como o OAA e o JFH criaram expectativas acerca do fenômeno, colaborando na criação de um espetáculo midiático e na frustração social e científica em decorrência da baixa visibilidade da última passagem do Cometa Halley. Diante das incertezas dos eventos astronômicos, o Projeto Halley ganha importância na análise, uma vez que demonstra os desafios de se realizar a comunicação pública da ciência.

Palavras-chave: divulgação científica; imprensa; astronomia; cometa Halley.

Abstract

This article aims to reflect on the scientific communication carried out by the Antares Astronomical Observatory (OAA), with the participation of the newspaper *Jornal Feira Hoje* (JFH), in Feira de Santana, Bahia, during the passage of Halley's Comet in 1986. The text describes the communication strategies adopted by the OAA around the Halley Project, widely disseminated in *Jornal Feira Hoje*. By articulating scientific networks, the OAA connected science, tourism, and culture through commitments from public entities, actions with private companies, and educational activities. The analysis of the sources made it possible to verify how the OAA and JFH created expectations about the phenomenon, contributing to the creation of a media spectacle as well as to the social and scientific frustration resulting from the low visibility of Halley's last passage. In light of the uncertainties of astronomical events, the Halley Project gains importance, as it demonstrates the challenges of carrying out public communication of science.

Keywords: science communication; press; astronomy; Halley's Comet.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la comunicación científica realizada por el Observatorio Astronómico Antares (OAA), con la participación del periódico *Jornal Feira Hoje* (JFH), en Feira de Santana, Bahía, durante el paso del cometa Halley en 1986. El texto describe las estrategias de comunicación adoptadas por el OAA en torno al Proyecto Halley, ampliamente difundido en el *Jornal Feira Hoje*. Al articular redes científicas, el OAA vinculó ciencia, turismo y cultura mediante compromisos de entidades públicas, acciones con empresas privadas y actividades educativas. El análisis de las fuentes permitió constatar cómo el OAA y el JFH generaron expectativas sobre el fenómeno, contribuyendo a la creación de un espectáculo mediático, así como a la frustración social y científica derivada de la baja visibilidad del último paso del cometa Halley. Ante las incertidumbres de los eventos astronómicos, el Proyecto Halley adquiere relevancia, ya que evidencia los desafíos de realizar la comunicación pública de la ciencia.

Palabras clave: divulgación científica; prensa; astronomía; cometa Halley.

Introdução

Idealizado por Augusto César Pereira Orrico, o Observatório Astronômico Antares (OAA) foi fundado em 1971, na cidade de Feira de Santana, Bahia, sob a égide de uma fundação privada e financiada por doações de particulares e aporte de recursos por parte do setor público. Em 1992, teve sua tutela transferida para a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tornando-se Órgão Suplementar desta universidade até o presente momento.

Entre os anos de 1971 a 2006, época que Augusto Cesar Pereira Orrico esteve à frente da instituição, o Observatório Astronômico Antares inseriu-se em uma rede de instituições científicas nacionais e internacionais articuladas por seu fundador e desenvolvia uma comunicação de ciência que vinculava “pares” e “ímpares”¹. Nesse jogo, comunicava-se a ciência aos “ímpares” porque estava entre os “pares”, mas ele conseguia estar entre os “pares” porque comunicava a ciência aos “ímpares”. Ao falar em comunicação para “pares”, a referência é a produção de uma conversa com o aparente mundo interno da ciência. Por outro lado, quando fazemos referência aos “ímpares”, o alvo é o denominado público geral, com os perfis mais diversos e singularidade (Marcondes, 2018).

Essa teia colaborativa de instituições foi fundamental para a manutenção semanal de colunas sobre astronomia nos mais importantes jornais em circulação na região. Augusto César Pereira Orrico possuía colunas dedicadas ao tema da Astronomia no *Jornal Folha do Norte* e no *Jornal Feira Hoje*. Além das corriqueiras informações meteorológicas, as colunas traziam curiosidades, informações técnicas, história e previsões astronômicas. Como suporte de comunicação de ampla divulgação, os jornais têm um papel fundamental na comunicação do conhecimento astronômico. Ao contrário das produções técnicas, como anuários e boletins, os materiais disponíveis no *Folha do Norte* e *Feira Hoje*, a exemplo de textos, desenhos e previsões, eram destinados aos denominados leigos (Marcelino Souza, 2018).

Tal estreitamento dos laços de comunicação científica do presidente do OAA com os jornais da cidade tinham um caráter sistemático e duradouro. A coluna *Astronomia em Foco* do *Jornal Folha do Norte*, o mais antigo jornal em exercício da Bahia, surgindo em 1909 como propriedade de um antigo intendente de Feira de Santana, por exemplo, remonta a agosto de 1970. Por outro lado, os primeiros escritos que aparecem no *Jornal Feira Hoje* datam de setembro de 1970, primeiro mês de circulação do jornal.

É possível, ainda, salientar que nomes do jornalismo local estavam inseridos na instituição astronômica, ocupando cargos. Helder Alencar era editor do *Jornal Feira Hoje* e ocupou o cargo de Segundo Secretário do OAA; Egberto Tavares Costa era superintendente do *Jornal Feira Hoje* (além de outros) e ocupou o cargo de Secretário de Divulgação da instituição; Zadir Marques Porto era líder da sucursal do *Jornal A Tarde* da Bahia e ocupou o cargo de Secretário de Publicações (na formação de 1971). O cargo de 1º Secretário foi ocupado por Antônio José Laranjeiras, que se firmou como importante colunista social em Feira de Santana; e, por fim, a direção de fotografia ficou com Antônio

¹ Dentre as instituições que o OAA se inseriu, podemos citar: o Observatório Astronômico “Galileo Galilei”; Observatório Flammarion; a União Astronômica Internacional; o Observatório de Valongo; a Universidade de Brasília; o Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET); o Observatório Nacional do Rio de Janeiro, através de Ronaldo Mourão e Marcomede Rangel; o Observatório de Zurique; e o Observatório Real da Bélgica.

Ferreira Magalhães que se destacou no ramo da reportagem fotográfica na cidade.

Essa forma de comunicação da ciência destinada para um público mais amplo e tendo os jornais como veículos estratégicos não é nova no Brasil. Massarini e Moreira (2002), ao pesquisar acerca da comunicação da ciência no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, salientam que os envolvimento de jornais com os temas da ciência eram recorrentes desde o século XIX. Para eles, no início do século XX os “jornais diários, em maior ou menor grau, abriram espaço para notícias relacionadas à ciência” (Massarini; Moreira, 2002, p. 48). Como pontuou Bueno (2009, p. 115), o jornalismo brasileiro entrecruza seus caminhos com a ciência desde seu surgimento, “logo, não é preciso procurar muito para perceber que a produção jornalística brasileira encerra a pauta de ciência e tecnologia em seu DNA”.

Na ocasião da última passagem do Cometa Halley próximo ao planeta Terra, em abril de 1986, o Observatório Astronômico Antares (OAA) organizou um amplo projeto de comunicação científica batizado de “Projeto Halley”. O Cometa recebe esse nome devido a Edmund Halley (1656 – 1742), um dos cientistas que participou na promoção de mudanças do pensamento científico advindas da Revolução Científica do século XVII.

Durante a sua jornada científica, Halley teve contato com as mais novas produções sobre gravidade, órbitas, corpos celestes, fenômenos aparentes e cometas. Conseguindo reunir o conhecimento produzido até então, ele tomou para si a tarefa de reconstituir a trajetória de um cometa em sua fase de invisibilidade (longe do Sol), calculando e percebendo as particularidades das órbitas. Comparou as características, as órbitas e os elementos dos cometas que apareceram em 1531, 1607 e 1682, identificando semelhanças e certa regularidade de aparição, ou seja, um retorno periódico (Sagan; Druyan, 1985).

Dessa forma, Edmund Halley pôde concluir que se tratava do mesmo corpo que apresentava uma órbita elíptica. Além disso, Halley descobriu que as órbitas de alguns cometas vão além do Sistema Solar exterior e afirmou que o Cometa apareceu em 1531, 1607 e 1682 e retornaria em 1758. Os conhecimentos cometários desenvolvidos por Halley foram confirmados quando o Cometa reapareceu em 1758 e recebeu o seu nome (Sagan; Druyan, 1985).

Diante disso, este artigo pretende analisar a comunicação científica realizada pelo Observatório Astronômico Antares (OAA) e o *Jornal Feira Hoje*, na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia, durante a passagem do Cometa Halley, em 1986. Dividido em três partes, inicialmente será realizado um balanço sobre os diferentes termos que são usados em referência à comunicação para o mundo externo da ciência, ou seja, a comunicação para os “ímpares”. No segundo momento será abordado os preparativos do OAA para a passagem do Cometa Halley e, no terceiro momento, serão apresentadas as controvérsias e frustrações em torno das escolhas realizadas pelo OAA.

Nomenclaturas da comunicação da ciência para “ímpares”

A divisão do trabalho provocou um maior conhecimento do trabalhador em uma determinada etapa, forma e instrumento de produção. Ao mesmo tempo, provocou uma alienação de outras tantas etapas, formas e instrumentos. A crescente complexidade e extensão da divisão do trabalho produz uma especialização, nas produções fabris ou em outros contextos. No âmbito científico, essa especialização tem relação com o processo de

institucionalização da ciência e da distinção entre as disciplinas. Como resultado desse processo, surgiu a necessidade de comunicação entre aquilo que é considerado como interno (“pares”) e/ou externo (“ímpares”) da ciência.

O fenômeno de falar para “ímpares” ganhou e ainda ganha diversas nomenclaturas: vulgarização científica, divulgação científica, popularização científica, entre outros. Nessa dimensão, Germano e Kulesza (2007) examinaram os conceitos de vulgarização, divulgação e alfabetização científica, na tentativa de definição da popularização científica. Porém, 12 anos mais tarde, Porfiro e Baldino (2019) se propuseram a realizar tarefa semelhante.

Embora Jacob e Schiele (1988) tenham apontado que a divulgação científica era uma prática pouco problematizada, esse cenário veio mudando, e atualmente ela é amplamente estudada como um campo de investigação. Luisa Medeiros Massarani é uma das autoras que refletem sobre essa atividade. Massarani (1998) apresenta uma história da divulgação científica no Brasil em um recorte temporal de dois séculos, caracterizando-a como multifacetada e flexível às singularidades das temporalidades e espacialidades.

Massarani (1998) realiza uma análise daquilo que chama de divulgação científica, sob o aspecto dos meios e dos instrumentos utilizados para a comunicação da ciência para “ímpares” e muitas vezes também para “pares”. As permanências e mudanças são observadas na inserção e manutenção dos meios de comunicação, frutos de suas temporalidades, para o uso educativo/científico. Massarani (1998) também faz uma leitura da comunicação da ciência, partindo da impossibilidade do uso da imprensa até seu pleno uso ao lado do rádio, do cinema, da televisão e da própria internet. Mas não somente isso, a autora consegue distinguir as intencionalidades de comunicar a ciência dentro daquilo que chama de ondas/ciclos/surtos de divulgação da ciência. Ganhando contornos amplos, diversificados e heterogêneos na diacronia e até na própria sincronia, para ela, do século XIX até os dias atuais há uma mesma atividade: a divulgação científica, com adaptações temporais, ocasionadas pelas circunstâncias sociopolíticas e instrumentais/comunicacionais.

Entretanto, Vergara (2003, 2004, 2008) nomeou as atividades de comunicação da ciência realizadas durante o século XIX e início do século XX como vulgarização científica. Ela entende a vulgarização científica como nascente de um projeto e visão de sociedade e ciência e, talvez, por isso, seu uso seja datado. Apontando que essa expressão, hoje, carrega um sentido pejorativo, sendo evitada pelos que trabalham com a relação entre “ímpares” e a ciência, Vergara indica que gradualmente o termo vulgarização foi sendo inutilizado, dando preferência pelo termo divulgação, na perspectiva do crescimento do relacionamento entre o conhecimento científico e a ideia de democracia. Segundo ela, a terminologia foi usualmente aceita até os anos 1930.

Diante das faltas de relacionamento com a noção de democracia, o desuso dessa nomenclatura pode estar relacionado às permanências do Império no primeiro momento da República, ao movimento de 1930 e as consequentes ressignificações sobre a noção de República. Vergara (2003, 2004, 2008) procura investigar a zona de conforto e os pontos de desconforto do uso do termo vulgarização pelos comunicadores coetâneos. Parte do pressuposto de que a ciência moderna nem sempre teve preocupações com uma suposta relação com a ideia de cidadania e, ao crescimento desses debates, deve ter surgido rememorações que o *vulgus*, na Roma clássica, era uma categoria inferiorizada.

O vocábulo vulgarização tem ascendência no latim e vem do termo “*vulgaris*”. Na língua portuguesa essa palavra tomou o significado de vulgar, referente à plebe, relativo ao vulgo, trivial, usual, frequente ou comum. Vergara (2003, 2004, 2008) indica que, ainda no século XIX, o sentido negativo desse termo já podia ser observado. A autora define que, no Brasil do século XIX, o termo vulgarização científica indicava a ação de falar de ciência para os chamados leigos. Nesse processo, o ato de vulgarizar estabelece a avaria da “aura” e descolamento de importâncias, conduzindo algo considerado nobre a virar plebeu. A condução da nobreza à plebe é realizada por uma espécie de tradução de um determinado código, restrito para alguns (os “pares”), para outro código acessado para muitos. Esses muitos são o público, ou em outros termos os “ímpares”, que para Vergara (2003, 2004, 2008) é uma abstração necessária para o ato do vulgarizador, uma criação genérica e ampla sobre um conjunto tão diverso e singular.

Por fim, próxima da noção de educação ao longo da vida, (re)surge a ideia de popularização científica que fornece autonomia e atividade ao povo (não-cientistas). Para Germano e Kulesza (2007, p 20), “popularização é o ato ou ação de popularizar: tornar popular, difundir algo entre o povo”. Surgido na França do século XIX, o termo popularização ganha notável força na América Latina, na segunda metade do século XX, por tentar respeitar e dialogar com os mundos emblemáticos da vida cotidiana dos povos, por estabelecer um diálogo com amplos setores da sociedade e querer relegar a ciência como promotora da cidadania. Se por um lado, a partir das décadas de 1960 e 1970 começavam as movimentações em torno dos usos e definições da noção de popularização científica, por outro, essa nova noção será utilizada confundindo-se com divulgação científica, que é a denominação utilizada atualmente, em algumas regiões do Brasil.

Conforme Langhi e Nardi (2010), a divulgação científica é frequentemente compreendida como um processo de caráter predominantemente unidirecional, no qual o conhecimento produzido pelos cientistas é transmitido diretamente à população, sem que haja, necessariamente, uma preocupação sistemática com as concepções, demandas ou expectativas do público-alvo; nessa perspectiva, os termos difusão e disseminação costumam ser empregados com sentido semelhante, reforçando a ideia de transmissão de informações em mão única. Em contraste, a popularização científica é apresentada como um conceito mais amplo e apropriado quando envolve a transposição didática dos saberes científicos, uma vez que ultrapassa a simples divulgação ao considerar as necessidades, concepções e expectativas do público e ao enfatizar a dimensão cultural da ciência. Essa distinção evidencia que não se trata apenas de variações, mas de terminologias dotadas de densidade histórica.

Nesse sentido, a reflexão de Koselleck (2006) contribui para compreender por que termos como vulgarização, divulgação e popularização científica não podem ser reduzidos ao estatuto de meras palavras. Segundo o autor, nem todas as palavras se transformam em conceitos, pois o conceito é mais do que uma palavra isolada, ainda que esteja necessariamente ancorado nela. Enquanto o sentido de uma palavra tem a capacidade de ser enquadrado pelo seu uso, um conceito pode ser claro e precisa permanecer polissêmico, pois são vocábulos que concentram uma multiplicidade de significados. Uma palavra contém possibilidades de significado, enquanto um conceito reúne totalidades de sentido.

Para esse autor, associado à palavra, o conceito se forma quando a totalidade de

circunstâncias políticas e sociais de uso de uma palavra se agrega a ela. Dessa forma, o conceito acaba reunindo uma diversidade de experiências históricas, não somente como indicador da realidade e da experiência anterior, mas também como limitador e estimulador de uma outra possível realidade. A construção conceitual pressupõe um acúmulo de experiências para a sua elaboração e, por isso, os conceitos não devem ser tidos como um produto independente, porém em relacionamento com uma certa realidade social.

Na articulação à vivência, para apropriar-se da realidade, a humanidade utiliza os conceitos para tornar inteligível as experiências vividas e as transformações sofridas, cultivando ações lançadas nas dimensões temporal e espacial, de alguma forma a definir uma espécie de autocompreensão. Para Koselleck (2006), sem os conceitos não existiria sociedade e, destarte, história. Aqui, todo e qualquer conceito tem história e, por isso, nutre projetos, sistemas políticos e sociais (Bentivoglio, 2010).

A discussão das diferentes nomenclaturas da comunicação da ciência voltada aos “ímpares” (divulgação, vulgarização e popularização científica), permite compreender que as práticas comunicativas da ciência são historicamente situadas e atravessadas por escolhas discursivas, institucionais, midiáticas, entre outras. Tal referencial analítico se relaciona com a leitura da seção seguinte, dedicada à experiência de comunicação científica desenvolvida pelo Observatório Astronômico Antares em parceria com o Jornal Feira Hoje, durante a passagem do Cometa Halley, em 1986. Ao examinar o Projeto Halley, busca-se observar como determinadas concepções de comunicação da ciência se materializaram em estratégias de comunicação, na construção de expectativas sociais e na articulação entre ciência, mídia e cultura em um contexto local específico.

O “Projeto Halley” nas páginas do Feira Hoje

No dia 9 de fevereiro de 1986, o *Jornal Feira Hoje* publicou uma reportagem sob o título de *Antares e o Halley*, em que apresentou o interesse de um vereador da cidade de nome Antônio Carlos Pinto de Almeida (conhecido como Tatai) sobre um projeto desenvolvido pelo Observatório Astronômico Antares para a passagem do Cometa Halley. Denominado de “*Projeto Antares: Halley no Céu do Nordeste*”, o planejamento ganhou atenção do vereador. Na ocasião, o edil convidou o presidente da instituição astronômica para explicar detalhes sobre a execução das atividades (Jornal Feira Hoje, 9 fev. 1986²).

Semanas depois, o mesmo *Jornal Feira Hoje* noticiou a visita do Prefeito de Feira de Santana, José Falcão da Silva, sua esposa Maria Purificação, o Secretário de Turismo, Recreação e Cultura, Itaracy Pedra Branca e diversos outros secretários às instalações do OAA, que foi chamado pelo jornal como “*Centro de Pesquisas Espaciais Feirense*”. Na matéria, o prefeito expressou publicamente o apoio dado à instituição para a realização do projeto, ao assegurar que,

será feita a pavimentação da área ao redor do Antares para facilitar e causar uma melhor impressão às vias de acesso. A Prefeitura Municipal também fará o trabalho de publicidade e divulgação do Observatório para atração de maior número de turistas possíveis à cidade [...] a realização do pavimento às vias de acesso do Antares não deve demorar, visto que o espaço de tempo a esta altura já não é grande. (Jornal Feira Hoje, 21 fev. 1986, p. 4).

² Esta e outras edições citadas neste artigo estão disponíveis na Biblioteca Setorial do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana.

A reportagem ainda salienta que o Prefeito ressaltou o estado e a qualidade dos equipamentos e instalações do Observatório Astronômico Antares, reforçando que conhece o papel da instituição na cidade e que fará todo o necessário para ajudar o OAA nos preparativos do “grande evento” (Jornal Feira Hoje, 21 fev. 1986, p. 4).

O Secretário de Turismo, Recreação e Cultura da cidade foi além e capitalizou o projeto para a dinâmica turística, denominando o projeto sobre o Cometa Halley no Antares como “a maior novidade do século”. Ele acreditava tratar-se de “um acontecimento dos mais importantes nos últimos anos” e avaliava o potencial da cidade para “receber os turistas”. Segundo o texto, a posição estratégica para atrair os turistas ficava a cargo do aparato estrutural que o Observatório possuía. Para tal missão, a instituição era dotada de “modernos aparelhos [...] desde os computadores, telescópios e a réplica do satélite Brasilsat”. Com essa estrutura e os futuros auxílios da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, o presidente da instituição apresentava perspectivas otimistas para o projeto e a cidade,

Augusto César Orrico falou sobre sua expectativa no movimento turístico na cidade, principalmente no mês de abril, afirmando que cerca de 15 mil pessoas estão com presença praticamente confirmada aqui para acompanhar o evento, cuja maioria é de americanos. (Jornal Feira Hoje, 21 fev. 1986, p.4).

Dias após, o jornal apresenta uma outra estimativa de visitação durante a execução do referido projeto. Os 15 mil visitantes anunciados na reportagem do dia 21 de fevereiro sobem mais de três vezes, ao ser anunciado 50 mil visitantes estimados, entre estrangeiros e brasileiros.

O grande número de visitantes seria atraído pelas atividades pensadas para serem desenvolvidas durante o evento. Planejavam uma variedade de ações, fornecendo ao evento uma face não somente científica, mas também sociocultural. Dentre as atividades científicas, estavam sendo planejadas a pesquisa pela “observação científica através de quatro telescópios ali instalados” e o planejamento de exibição de filmes sobre “astronomia e astronáutica para grupos de estudantes universitários e de segundo grau”. Para o público “geral” planejava-se,

nada menos que oito telescópios de 15 centímetros além de todas as informações referentes às atividades desempenhadas pelo Observatório, da sua existência até os dados mais técnicos sobre o Cometa Halley. (Jornal Feira Hoje, 27 fev. 1986, p. 3).

Ainda de caráter científico, havia uma outra iniciativa que evidencia o desejo da instituição de valer-se das relações interinstitucionais em rede para promoção e construção de seu evento. O Observatório pretendia, com a ajuda do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) de São José dos Campos, montar um *stand* para apresentar e explicar o “programa espacial brasileiro”. Além disso, também contavam com o apoio da National Aeronautics and Space Administration - NASA e da Embaixada dos EUA para o fornecimento de material à “divulgação” do programa espacial norte americano.

No aspecto sociocultural, a instituição planejava a introdução de uma programação que pretendia ceder as dependências do Observatório para ações de prestação de serviços para a comunidade, incluindo postos telefônicos cedidos pela Telebahia; postos de vários órgãos públicos, como a Universidade Estadual de Feira de Santana, Cedep, CIS, Cedec, e Bahiatursa; postos da Polícia Militar, primeiros socorros, sanitários públicos e; “uma ótica,

livraria, posto de informações, agências de turismo, lanchonete, bar, artesanato típico da região, posto da Setur e palco para shows e trovadores” (Jornal Feira Hoje, 27 fev. 1986, p. 3).

Para um evento com tantas atividades, a preocupação com a estrutura tornou-se algo premente. Nas dependências do Observatório foram montadas as bilheterias, portões de entrada e saída com borboletas, estacionamento interno para autoridades e imprensa, os stands de informática além de “60 funcionários, sendo 20 pessoas na parte operacional e técnica” para execução de todo este plano de atendimento ao público (Jornal Feira Hoje, 27 fev. 1986, p. 3).

Com o objetivo de fornecer informações sobre a posição do Cometa Halley no céu e detalhar toda a programação do Antares nos meses de março e abril de 1986 foi estabelecido, através de uma parceria com a empresa de Telecomunicações da Bahia, a Telebahia, o serviço “*Disque Halley*”. Tratava-se de um número de serviços operando via pulsos de franquia ou por meio de fichas no orelhão, que produzia rentabilidade para a Telebahia (empresa baiana de telecomunicações), ao passo em que oferecia informações acerca do famoso corpo celeste para os curiosos. Como pontuou a matéria do mesmo jornal de 24 de março,

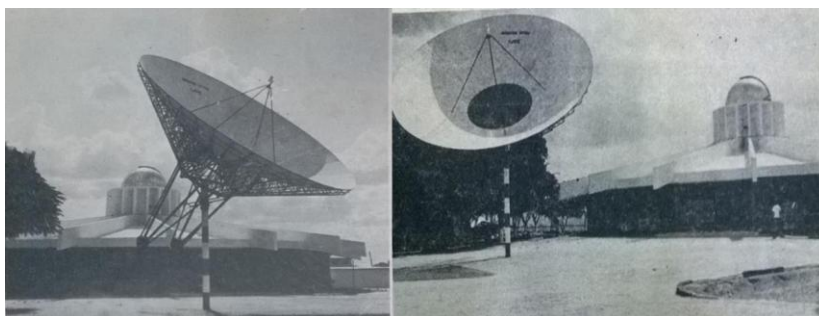
Para saciar a sede de informação de todos os que sonham em ver o cometa e querem saber tudo sobre o astro, o Observatório Astronômico Antares recorreu à Telebahia para, em conjunto, oferecerem uma série de informações sobre o cometa. E foi assim que se instalou o Disque Halley, mais um serviço da empresa que, junto com o Antares, estará colocando à disposição de todos os baianos informações constantemente atualizadas sobre o Halley. [...] Com a mesma preocupação da Telebahia de atender à curiosidade de todos sobre a passagem e existência do astro, a Embratel lançará, no Rio de Janeiro, um serviço semelhante, mas desta vez voltado basicamente para os turistas estrangeiros, que devem chegar ao Brasil para ver o Halley. (Jornal Feira Hoje, 24 mar. 1986, p. 6).

É possível perceber que essa ferramenta poderia disponibilizar a todos que possuíam acesso a telefones informações científicas relacionadas ao Cometa. E seu alcance não se restringiria à cidade de Feira de Santana, chegando a todo o Estado da Bahia e do Brasil. Evidentemente, a Telebahia notou a oportunidade de ampliar a oferta de seus serviços a partir do fenômeno Halley. Tal mercantilização pode ser verificada em diversos outros lugares como na Europa, EUA e outros cantos do Brasil, onde instituições e sujeitos diversos se apropriaram de um conjunto de representações³ do Cometa Halley com intuito de promover a comercialização de brindes e lembranças alusivas à passagem do Cometa (Harpur, 1985).

A Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, com o objetivo de captação dos sinais emitidos pelo Satélite Giotto, ainda instalou uma antena parabólica de oito metros de diâmetro para a recepção de informes sobre o Cometa pelo satélite e por meio de várias emissoras televisivas. A antena é apresentada como elemento de primordial importância para a execução do projeto elaborado para visualização do Cometa Halley. As fotografias na Figura 1 destacam o objeto em plano principal tendo o prédio do Antares ao fundo.

³ Neste trabalho, adota-se a noção de representação a partir das proposições de Roger Chartier, para quem as representações correspondem aos modos de ver, isto é, às formas pelas quais as coisas são percebidas, construídas para os olhos e dadas a ler (Chartier, 1989).

Figura 1. Antena parabólica a frente do Antares



Fonte: Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 27 fev. 1986.

A chegada da antena e suas atribuições foram tema de muitas passagens do *Jornal Feira Hoje*. Diversos são os textos publicados pelo jornal que evidenciam essa importância do referido objeto em títulos como “*Notícias do Halley pela TV*”, “*Antares ultima preparativos*” e “*Disque Halley informa tudo sobre o cometa*”, quase sempre repetindo notícia da chegada da antena na cidade com as devidas explicações de sua serventia.

A instalação da antena sob responsabilidade da Embratel e o Disque Halley na parceria com a Telebahia não foram os únicos envolvimento do Antares com empresas durante os preparativos para o projeto. A Valmol – Equipamentos para escritórios, que comercializava produtos de informática, planejava montar um *stand* nos dias do evento. A intenção era apresentar o avanço da informática na década de 1980 e utilizar uma série de equipamentos tecnológicos para mostrar ao público uma variedade de informações sobre a passagem do Cometa. (Jornal Feira Hoje, 10 mar, 1986).

Ainda sobre a programação oferecida pelos *stands*, Augusto César Orrico informou que o Instituto Nacional de Meteorologia da Alemanha Ocidental montaria uma estrutura para o evento, com a finalidade de apresentar uma exposição sobre “satélites meteorológicos e seu funcionamento” (Jornal Feira Hoje, 14 mar. 1986, p. 4).

Contando com o prédio principal e algumas estruturas externas, o Observatório apostava intensamente na programação dos *stands*, com os quais estabeleceu uma preocupação para que estivessem prontos a tempo. Os operários estariam “em serviço também durante a noite para que a obra seja concluída a tempo hábil”. Não havia uma previsão exata para o Observatório Astronômico Antares abrir suas portas para o grande público, mas seu Diretor apostava que provavelmente a partir do dia 21 de março já estariam “atendendo a comunidade, pois será uma época em que a visão do Halley estará melhor. [...] Então, será a época exata de passarmos a receber o público para as primeiras observações” (Jornal Feira Hoje, 14 mar. 1986, p. 4).

Um dos trunfos do OAA para o Projeto Halley em termos de equipamentos era o Telescópio Laser, doado pela Fundação Universidade de Brasília, em fevereiro de 1985. Com esta doação, o Observatório era destacado numa importante posição de “mais bem equipado observatório astronômico de toda a região Norte e Nordeste” (Jornal Feira Hoje, 31 mar. 1986, p. 3). Não era a primeira vez que o Telescópio Laser já havia ganhado destaque pelo Jornal Feira Hoje. Na edição de 15 de março, o jornal destacou:

no plano científico, o Observatório dispõe de outros seis telescópios que serão colocados à disposição de autoridades e imprensa e para estudos. Vale destacar o telescópio a raio laser, único existente no país de uma série de três em todo o mundo e que possui uma

lente objetiva de 20 centímetros de diâmetro. Sua alta precisão, com fácil manejo, pode ampliar o tamanho visionário de um astro, planeta ou o Cometa Halley em 1.200 vezes. (Jornal Feira Hoje, 15 mar. 1986, p. 4).

Apesar de todos os elogios tecidos pelas colunas e edições do Feira Hoje, os problemas relacionados ao projeto tornavam-se, pouco a pouco, escancarados pelas reportagens. As promessas assumidas pelo poder público municipal e estadual não foram firmadas e o OAA desenvolvia suas atividades ao compasso que o jornal, tocado pela ideia dos benefícios da comunicação da ciência, explanava frustração com os entes públicos. A não execução dos compromissos por parte dos poderes municipais e estaduais tornaram-se objeto das preocupações da redação do Jornal. Comparados pela reportagem aos grandes centros urbanos do eixo sudeste, Feira de Santana foi relegada ao não investimento daquilo que era esperado diante da expectativa criada em torno do projeto de comunicação científica projetado pelo OAA.

Em 15 de março, o jornal denunciava que o descaso das autoridades beirava “ao limite do inexplicável”, constatando a ingrata contradição de que a Bahia embora detivesse “o maior e mais bem equipado observatório astronômico de toda a região Norte e Nordeste” optou por investir no evento da mais importante economia do sul baiano, “a festa do Cacau, em Ilhéus, uma verdadeira fortuna” através da Bahiaturra (Jornal Feira Hoje, 15 mar. 1986, p. 4).

Também na esfera municipal os investimentos não passaram de promessas. Embora a pavimentação asfáltica das ruas que dão acesso ao observatório e a construção de um alojamento para imprensa e funcionários de plantão durante o turno da meia-noite às seis da manhã estivessem na pauta de compromissos do governo municipal, nada foi implementado. Caso o Antares tivesse sido aberto antes para o público, não fosse a iniciativa pessoal de seu presidente César Orrico, nem os sanitários públicos, também prometidos pela prefeitura, estariam prontos (Jornal Feira Hoje, 15 mar. 1986).

Frustração nas páginas do *Jornal Feira Hoje*

No ano anterior à passagem do Cometa Halley, 1985, o *Jornal Gazeta Feirense* já havia apresentado uma reportagem que declarava uma certa diferença de brilho entre as passagens anteriores e a próxima, em 1986, uma vez que, os “astrônomos admitem que a passagem do Halley em 1986 não será tão fulgurante como das vezes anteriores”. (Jornal Gazeta Feirense, 10-16 ago. 1985, p. 1).

Toda a atenção dada ao Halley em 1986 era também (além de outros fatores), consequência do impacto social e da grandiosidade do fumegante brilho ocorrido em 1910, em decorrência da maior proximidade entre o Cometa e a Terra. Essa curta distância esteve fixada em aproximadamente 20 milhões de quilômetros, enquanto que para 1986, previa-se distância em torno de 60 milhões de quilômetros. As representações criadas sobre o Halley de 1910 foram apropriadas em 1986, proporcionando reelaborações novas. Alimentados por um turbilhão de enunciadores, os sonhos gerados pela excessiva representação cometária foram frustrados com a realidade objetiva da astronomia.

A decepção do Halley tornou-se uma realidade para muitos, quando o tão esperado momento chegou. Não demorou para que as frustrações tomassem conta também das páginas do *Jornal Feira Hoje*. As reiteradas representações sobre a passagem do Cometa

Halley produziram “uma noite concorrida” em que “os seus frequentadores viram aquele cometa de maneira bem insignificante”. A conclusão da matéria trazia um tom de frustração ao cravar: “realmente muita publicidade para pequena presença do astro ou como se diz: foi muita oração para um terço só (Jornal Feira Hoje, 13 abr. 1986, p. 4).

As representações criavam expectativas que eram jogadas para o “Projeto Halley” e para o próprio portento. A visibilidade do projeto e todos os seus preparativos conseguiam compor e recompor a vontade de ver o Halley. A teatralização da discussão pública sobre Astronomia despertou (e/ou reforçou) o gosto pelas coisas da ciência no grande público e produziu uma gana pela experiência de ver a resplandecência do fenômeno excepcional, porém regular. Como pontuou Leite,

a imprensa não apenas interfere nas questões políticas, mas em diversos setores da vida social, na articulação e disseminação de ideias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir em sua historicidade (Leite, 2015, p. 5).

O emaranhado de representações tornava a aparição do fenômeno mais esperado. Naquela altura, cruzando o céu no mês de abril de 1986, a programação do OAA tentou alinhar-se à festa da Micareta de Feira de Santana daquele ano. Essa festa popular - a primeira micareta do Brasil, um carnaval fora de época, surgido em 1937 - também se aproximou do Halley, se apropriando de suas imagens e tecendo uma série de novas outras. Nesse sentido, foram criadas decorações alusivas ao Cometa até mesmo antes da festa. Apresentada como uma “viagem sideral de cinco dias” (Jornal Feira Hoje, 7 mar. 1986, 6), a Micareta seguiu seu curso enquanto a programação do OAA teve de ser alterada:

durante o período da micareta, que se inicia neste sábado, o Observatório Antares não funcionará. Portanto, quem objetivar ver o Halley – ou melhor, um fio do cometa – deve visitar o centro de pesquisas feirenses logo, até porque, a cada dia, o dito cujo afasta-se mais e a previsão (que desta vez deve vingar) é de que o visual dure somente até o começo da próxima semana. César Orrico disse que esta medida não estava nos planos, “mas já que não há atração que se esperava, ficamos também sem uma perspectiva alentadora de visitas” (Jornal Feira Hoje, 16 abr. 1986, p. 3).

O planejamento de abertura do Antares durante o período da Micareta foi alterado diante daquilo que “não estava nos planos” de visibilidade do Halley. Em tom irônico, o texto se refere ao portento como “dito cujo”, trata o visual da passagem de 1986 como um estreito “fio de cometa” e satiriza a previsão científica, debochando da possível falha do prognóstico. Aqui, a possível falha da ciência provoca um mal-estar que, além de gerar um desaponto, torna-se risível.

Mas, o Presidente do Observatório Astronômico Antares, Augusto César Orrico, procura encerrar o mal estar social/científico argumentando em favor da equipe. Segundo ele, não houve erro técnico por parte dos cientistas em suas previsões, mas sim em função da distância do cometa “colaborado pela pouca atividade solar para a formação e iluminação da cauda, que o Halley foi visualizado apenas discretamente, sem o grande brilho que se esperava no dia 11 último” (Jornal Feira Hoje, 16 abr. 1986, p. 3).

A negação de “*erro técnico*” é realizada ao mesmo tempo que ocupa o lugar de fala da instituição. A aptidão em explicar fenômenos e em conseguir explicar motivos para as falhas de antevisões desses fenômenos, abstraem a desconfiança e, por vezes, o medo

que produziam incômodos com a ciência. Como já apontou Hobsbawm (1995), no século XX a desconfiança e o medo das ciências eram alimentados (entre outros fatores) pela imprevisibilidade científica. Nesse caso, a imprevisibilidade diz respeito à “pouca atividade solar” que não permitiu a combustão dos gases.

O balanço do presidente do Antares “não esconde a sua decepção, muito embora evite lamentar prejuízos” uma vez que cerca de sete mil pessoas chegaram a passar pelo Observatório durante a duração do projeto, o que “foram suficientes para livrar-nos de qualquer perda financeira”. Embora reconhecendo ser grande a “vontade do povo de ver o Cometa Halley, pelo clima de expectativa que foi criado”, pensando “em receber 50 mil curiosos”, afirma categoricamente que a responsabilidade não é absolutamente sua ou de quem quer que seja, haja visto que “foi uma surpresa para todos” (Jornal Feira Hoje, 16 abr. 1986, p. 3).

Mesmo com o fiasco de visualização verificado dia 11, descrito como “somente um obscuro ponto no céu”, com a ampla divulgação pelos meios de comunicação, ainda foi possível acompanhar nos dias seguintes “uma presença marcante das pessoas, que procuravam testemunhar pessoalmente a realidade frustrante, rapidamente diferenciado de uma estrela comum” (Jornal Feira Hoje, 16 abr. 1986, p. 3).

A frustração foi a consequência de uma grande expectativa criada por uma cadeia de representações. Progressivamente, a ideia de experimentar o maior evento da astronomia foi forjada. Os jornais tiveram grande participação nessa empreitada, tecendo a esperança de seus leitores verem o maior espetáculo de suas vidas, o qual possivelmente as próprias redações dos jornais acreditavam estar perto. O mercado também tinha forte participação na criação dessa expectativa, se apropriando das representações do Halley e produzindo mercadorias únicas em sua historicidade.

No Rio de Janeiro, a partir do Observatório Nacional, dois nomes despontaram na comunicação da ciência para os “ímpares” durante a passagem do Cometa Halley. Ronaldo Rogério de Freitas Mourão e Marcomede Nunes Rangel foram dois astrônomos que trilharam caminhos distintos na empreitada de comunicação da ciência a partir do Halley de 1986. Os dois sujeitos tomaram rumos dissemelhantes diante do Halley. Suas posturas nos permitem problematizar o caminho escolhido pelo Antares.⁴

Sob a orientação de Marcomede Rangel, Augusto César Pereira Orrico desenvolveu seu projeto para a passagem do Cometa Halley no OAA, em 1986. Orrico pouco explorou a possibilidade de experimentação autônoma de visualização do Halley, mas construiu a imagem do Antares como local apropriado e privilegiado para tal tarefa, a partir do instrumental que contava para a sua execução. Tal opção se revelou oportuna, mas também arriscada. Oportuna porque ajudou a afirmar a importância institucional do OAA e a intensificar a comunicação e o vínculo com a população. Por outro lado, foi arriscada ao apostar seu capital científico (e o do OAA) em um projeto sem ter certeza do resultado de tal atividade.

Oportuno lembrar, diante disso, a pontuação de Vogt (2006). Ao pensar em comunicação da ciência, em que considera que apesar de resultados com,

⁴ Mourão e Rangel abordaram o Cometa Halley por meio de livros, entrevistas e artigos em jornais. Enquanto Mourão priorizou a autonomia do público, orientando sobre como, onde e com quais cuidados observar o fenômeno, Rangel esteve associado a iniciativas de caráter comercial e apresentou menor incentivo à prática observacional autônoma.

fenômenos astronômicos, como a passagem de um cometa, ou a capacidade de comunicação de algumas notáveis personalidades científicas, a eficácia da divulgação das ciências e das tecnologias continua abaixo dos ambiciosos objetivos expressos em suas finalidades (Vogt, 2006, p. 20).

Como visto, tornar o Antares indispensável para o Halley trouxe algumas manchas para a honra institucional, que aqui não nos caberá analisar a profundidade e extensão dessa mácula. Contudo, os anos seguintes a 1986 foram de dificuldades e decréscimos para o Observatório Astronômico Antares. A curva voltará a ficar ascendente novamente a partir dos anos 1992, quando a instituição passa para a tutela da Universidade Estadual de Feira de Santana enquanto órgão suplementar.

Considerações Finais

A passagem do Cometa Halley em 1986 permitiu vislumbrar como dois atores sociais da cidade de Feira de Santana, o Observatório Astronômico Antares e o *Jornal Feira Hoje*, articularam de forma conjunta a produção de sentidos acerca de um fenômeno astronômico de enorme repercussão no mundo. Ficou evidente que esta relação entre a OAA e o periódico não apenas evidenciou um acontecimento científico, mas forjou narrativas e criou expectativas que envolveram a população nos aspectos midiáticos, culturais e educativos.

O Projeto Halley possibilitou a integração da ciência, do turismo e da cultura na cidade, ultrapassando os limites acadêmicos e viabilizando parcerias públicas e privadas. Essa experiência demonstra que a ciência, quando comunicada de forma organizada, criativa e legitimada produz frutos capazes de dialogar com muitos públicos e intensificar vínculos sociais a partir do saber.

Apesar da grande expectativa criada pelo Observatório e o Jornal, a baixa visibilidade do cometa evidenciou a tensão existente entre promessas e frustrações, exigindo que o capital científico justificasse tal descompasso, a fim de não comprometer a credibilidade de sujeitos e instituições em torno da comunicação científica.

É inegável, contudo, que o *Jornal Feira Hoje* assumiu papel central na mediação ciência-sociedade, comunicando informações do OAA. As duas instituições não apenas apresentaram o fenômeno astronômico, como atuaram na construção da memória coletiva local.

A experiência em torno do Projeto Halley indica um processo contínuo de negociação entre saberes especializados e demandas sociais na comunicação da ciência. Indica ainda que, mais do que fornecer acesso à informação, pode promover diálogos críticos que ajudem a consolidar uma cultura científica, fortalecendo a cidadania e ampliando formas de participação social no campo científico.

Referências

Periódicos

A Valmol e o “Halley”. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 10 mar. 1986. Caderno 1, p. 5.

Antares e o Halley. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 9 fev. 1986. Caderno 1, p. 2.

Antares terá apoio da Prefeitura na execução do “Projeto Halley”. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 21 fev. 1986, p. 4.

Antares: últimos preparativos para receber turistas: Halley. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 27 fev. 1986, Caderno 1, p. 3.

Antares vive fase de instalação dos stands. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 14 de mar. Caderno 1, p. 4. 1986.

Disque Halley informa tudo sobre o Cometa. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 24 de mar. 1986. p. 6.

Frustração geral na visão do cometa. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 16 abr. 1986, p. 3.

Halley decepcionou. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 13 de abr. 1986. Caderno 2, p. 4.

Halley não será tão fulmerante. **Jornal Gazeta Feirense**, Feira de Santana, 10 a 16 de ago. 1985. p. 1.

João Durval vai presidir a abertura do projeto Halley. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 15 mar. 1986. p. 4.

Novos Bárbaros vem aí no rastro do cometa. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 07 mar. 1986. p. 6.

Mesmo sem apoio, o Projeto Halley está sendo executado. **Jornal Feira Hoje**, Feira de Santana, 31 mar. 1986. p. 3.

Bibliografia

BENTIVOGLIO, Julio Cesar. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Revista de História** (UFES), v. 24, p. 126-144, 2010.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. In: PORTO, Cristiane M. (org.). **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Revista Annales**, n. 6, p. 1505-1520, nov.-dez. 1989.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojcich Andrzej. Popularização da Ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, p. 7-25, 2007.

HARPUR, Brian. **O Livro Oficial do Cometa Halley**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1985.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACOBI, Daniel; SCHIELE, Bernard (org.). **Vulgariser la science**: Le procès de l'ignorance. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

LANGHI, Rodolfo; NARDI, Roberto. Ensino da astronomia no Brasil: educação formal, informal, não formal e divulgação científica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 4, 4402, 2009.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n.1, 2015.

MARCELINO SOUZA, Lise. **Amadores observam o céu**: o Observatório Astronômico Antares e o ideal de modernização em Feira de Santana (1971 – 1992). 2018. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Práticas Sociais) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2018.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro**: algumas reflexões sobre a década de 20. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. *In*: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; Brito, Fátima (org.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. p. 43-64.

PORFIRO, Leandro Daniel; BALDINO, J. M. Perspectivas Teórico conceituais de Popularização da Ciência: vulgarização, alfabetização e divulgação científica. **Educação e Cultura Contemporânea**, 2019.

SAGAN, Carl; DRUYAN, Ann. **Cometa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1985.

VERGARA, Moema Rezende. **A Revista Brasileira**: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República. 2003. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VERGARA, Moema Rezende. Ciência e Literatura: a Revista Brasileira como espaço de vulgarização científica. **Sociedade e Cultura** (Online), v. 7, p. 3-23, 2004.

VERGARA, Moema Rezende. Contexto e Conceitos: história da ciência e vulgarização científica no Brasil do século XIX. **Interciencia** (Caracas), v. 33, p. 324-330, 2008.

VOGT, Carlos. Ciência, comunicação e cultura científica. *In*: VOGT, Carlos (org). **Cultura científica**: desafios. São Paulo: Universidade de São Paulo; Fapesp, 2006. p. 19-26.

Recebido em: 09 out. 2025

Aceito em: 19 dez. 2025